

# O PROBLEMA

*Guilherme Aderaldo*

Doutor em Antropologia Social  
Universidade de São Paulo

*Gleicy Maily da Silva*

Doutoranda em Antropologia Social  
Universidade de São Paulo

---

O ano de 2013, particularmente o mês de junho, foi marcado por uma profusão de manifestações que tomaram as ruas de mais de 400 cidades brasileiras. A luta pela revogação do aumento no preço das passagens dos transportes públicos funcionou como um rastilho de pólvora que culminou no entrelaçamento de uma variedade de agendas em torno de um mesmo problema, qual seja, o desgaste das estruturas verticais que dão sustentação aos modelos de gestão pública atualmente vigentes na administração das cidades.

Além disso, evidenciou-se o modo como os veículos corporativos de mídia cumprem a função de verdadeiros atores neste processo, por exemplo, ao reduzirem as motivações dos referidos eventos a questões como a da polarização entre “pacifistas” e “vândalos”.

Cabe destacar, neste sentido, o modo como variados coletivos midiativistas atuaram, buscando atribuir visibilidade pública a temas e setores normalmente negligenciados pela imprensa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobre as ações destes coletivos, bem como sobre suas formas de organização e interação em distintos contextos ver Castells (2013) e Aderaldo (2013).

O uso de novas tecnologias de comunicação por parte desses coletivos possibilitou, entre outras coisas, que moradores de áreas marcadas por processos de precarização sócio-urbana e representantes de distintos movimentos sociais, trouxessem pautas como a da monopolização de serviços públicos por parte de conglomerados empresariais privados e os problemas decorrentes da confusão que estas “parcerias público-privado” estabelecem entre as noções de “cidadão” e “consumidor”, dado que o Estado frequentemente perde sua capacidade regulatória na defesa do interesse público e questões como o preço das tarifas de transportes, o oferecimento de serviços básicos à população e a ocupação dos territórios urbanos, passam a ser pautadas por critérios de mercado<sup>2</sup>.

O alargamento desses debates, por sua vez, traz à tona uma mesma questão de fundo, afinal: quais os limites da noção de “cidade” enquanto conceito urbanístico e administrativo? Quando dizemos “cidade”, do que, de fato, estamos falando?

Vale considerar uma brevíssima reflexão de David Harvey, ao dizer que:

49

A questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoa que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é (...) um dos mais preciosos de todos os direitos humanos” (HARVEY, 2013, p. 28).

Tendo, portanto, em vista essa espécie de “retorno da utopia” no momento em que o conceito hegemônico (urbanístico/administrativo) de “cidade” passa a ser interpelado por uma considerável variedade de atores sociais, no espaço das ruas, esta seção convida alguns pesquisadores a, com base em suas pesquisas, refletirem sobre a seguinte questão: Como a reflexão antropológica e as etnografias realizadas na escala microsocial, podem contribuir com o debate atual sobre o modo pelo qual a própria noção de

---

<sup>2</sup> Sobre isso ver o artigo “A cidade como mercadoria”, de Silvio Caccia Bava, publicada no periódico *Le Monde Diplomatique Brasil* de Agosto de 2013, pp 4-5.

“cidade” vem sendo disputada por distintos e variados princípios e agendas no mundo urbano contemporâneo?

Partindo desta questão, o texto de Taniele Rui traz à tona um dos dilemas mais importantes vividos atualmente no país. Referimo-nos aqui ao modo como certa representação normativa – profundamente partilhada pelos veículos de mídia –, referente aos corpos e às práticas dos usuários de *crack* nos distintos contextos de uso da droga, estimula políticas de gestão urbana, às quais tendem a produzir formas violentas e espacializadas de segregação. Ao ler o texto da autora perguntamo-nos: afinal, que “cidade” nos apresentam os usuários de *crack*?

Já Andressa Morais, mostra-nos em seu texto, a forma como a “cidade” vêm sendo apropriada e simbolizada por parte dos movimentos “okupa” e seu “pluriativismo”. Tratam-se de atores vinculados a distintos e simultâneos movimentos reivindicativos, que têm em comum a adesão à prática de ocupação de imóveis abandonados, com a finalidade de tornarem inteligíveis os efeitos deletérios do capital imobiliário na vida social urbana.

O terceiro e último trabalho apresentado nesta rodada inicial de discussões<sup>3</sup>, traz uma reflexão a respeito das performances visuais urbanas protagonizadas pelo artista mexicano Jose Enrique Porras na cidade de Paris. Ao longo de um ano (2011-2012), durante o período em que Guilherme Aderaldo atuou como pesquisador visitante no *Centre D’Études Africaines* da *École Des Hautes Études En Sciences Sociales* (EHESS), sob supervisão do professor Dr. Michel Agier, o autor pôde acompanhar e filmar o trabalho do referido artista, que têm como uma de suas questões centrais, o modo pelo qual determinadas fronteiras simbólicas podem tornar-se aparentes através da forma como certos elementos materiais se distribuem e interagem com o espaço.

Ao fim, todos os trabalhos parecem concordar com a ideia de que, é quando esquecemos (de certa forma) a “cidade” enquanto conceito, que podemos enxergá-la enquanto processo. Boa leitura!

---

<sup>3</sup> Lembrando que esta seção continuará aberta à recepção de textos por parte daqueles que pretenderem enviar trabalhos que dialoguem com o tema aqui proposto.

**Referências citadas:**

ADERALDO, Guilherme André. 2013. Reinventando a "cidade": disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de "coletivos culturais" em São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17122013-124311/pt-br.php>>. Acesso em: 2013-12-18.

CASTELLS, Manuel. 2013. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, Rio de Janeiro, Ed. Zahar.

HARVEY, David. 2013. "A liberdade da cidade" In: Ermínia MARICATO et al, *Cidades Rebeldes: passe livre e manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, São Paulo, Ed. Boitempo/Carta Capital: 27-34.

51

*Guilherme Aderaldo*

Doutor em Antropologia Social  
Universidade de São Paulo

[Currículo Lattes](#)

*Gleicy Mailly da Silva*

Doutoranda em Antropologia Social  
Universidade de São Paulo

[Currículo Lattes](#)